

PI 272

CARACTERIZAÇÃO EPIDEMIOLÓGICA DAS INTERNAÇÕES POR DENGUE DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 NAS CAPITAIS BRASILEIRAS

Mariana Souza Santos Oliveira,
Hagar Senhorinha de Almeida Maturino,
Gilmar Santos Oliveira Junior,
Gislaine Mendes Coelho, Lara Moraes Torres,
Victor Oliveira Rocha,
Keila da Silva Goes Di Santo,
Aurea Angélica Paste

*Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador,
BA, Brasil*

Introdução/Objetivos: A pandemia da COVID-19 trouxe desafios para enfrentamento do vírus e de outros agravos. No Brasil, há tendência para aumento dos casos de dengue em meses chuvosos, principalmente de março a abril. De acordo com o Boletim Epidemiológico nº 51, do Ministério da Saúde (MS), em 2020, houve queda na distribuição dos casos prováveis de dengue, a partir da 12ª semana epidemiológica (SE), divergindo do comportamento observado até 2019, mas coincidindo com o período de decreto da pandemia. Sabendo-se da possibilidade de sobreposição entre os agravos, buscou-se caracterizar a distribuição epidemiológica dos internamentos por dengue nas capitais do país.

Métodos: Trata-se de um estudo transversal, realizado nas capitais brasileiras com dados extraídos dos meses de março-maio entre 2019 a 2021, com as notificações de tratamento para dengue clássica, a partir de dados extraídos do Sistema de Internações Hospitalares (SIH-SUS). As variáveis usadas foram: capital de residência e ano/mês de internamento. Os dados foram tabulados no Excel 2019, onde foram calculadas as variações percentuais no período (VPP).

Resultados: Foram extraídos dados de 20 capitais. Foi observado queda nos internamentos por dengue nos anos de 2020 (-30%) e 2021 (-60%), nos meses estudados em relação a 2019. Sete capitais demonstraram o mesmo comportamento. Maceió e Porto Alegre apresentaram a maior queda em 2020: -100% e -97%, respectivamente. Outras cinco mostraram aumento no número de internações em 2020, seguido de queda em 2021. Fortaleza foi a única que apresentou aumentos consecutivos, +177% (2020) e +300% (2021). Campo Grande, Goiânia e Brasília em 2020 apresentaram variações inferiores a 0,01%. Em relação a 2019, todas as capitais estudadas apresentaram decréscimo de registros de internamento.

Conclusões: Em conformidade com a redução da notificação de casos suspeitos de dengue, houve queda nos internamentos por dengue na maioria das capitais estudadas. Considerando-se que a distribuição dos internamentos foi distinta entre as capitais e que algumas, como Fortaleza, apresentaram incremento de casos, pode ter ocorrido sobreposição das notificações dos casos suspeitos de dengue durante a pandemia, subnotificação e atraso no processamento de dados. O contexto pandêmico também pode ter gerado receio na busca por atendimento.

Estudos posteriores são necessários para o estabelecimento de correlações.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102268>

PI 273

CARACTERIZAÇÃO EPIDEMIOLÓGICA DE CASOS CONFIRMADOS DE SÍNDROME DA ZIKA CONGÊNITA NO BRASIL EM 2020

Keila da Silva Goes Di Santo,
Lara Moraes Torres, Victor Oliveira Rocha,
Hagar Senhorinha de Almeida Maturino,
Gilmar Santos Oliveira Junior,
Gislaine Mendes Coelho,
Mariana Souza Santos Oliveira,
Aurea Angélica Paste

*Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador,
BA, Brasil*

Introdução/Objetivos: Em 2015, após a chegada do vírus Zika no Brasil, foram registrados casos de gestantes que tiveram a doença, cujos bebês nasceram com Síndrome da Zika Congênita (SZC), com anomalias como microcefalia. É fundamental a compreensão dos dados clínicos e epidemiológicos a fim de rastrear casos suspeitos dessa síndrome e detectar casos precocemente, buscando a prevenção e promoção de saúde das mães e dos bebês. Diante disso, o presente estudo buscou descrever os indicadores epidemiológicos de casos confirmados de SZC em 2020, no país.

Métodos: Trata-se de um estudo transversal realizado em todas as regiões do Brasil, no ano de 2020, utilizando como base de dados o Sistema de Agravos de Notificação - SINAN, com recém-nascidos (RN) com diagnóstico confirmado de SZC. As seguintes variáveis foram selecionadas: idade materna, raça/cor da mãe; momento de diagnóstico, sintomas de infecção por Zika vírus na gestação; peso ao nascer; presença de microcefalia no nascimento; presença de outras anomalias congênicas (AC), ocorrência de óbito.

Resultados: Foram contabilizados 43 casos de SZC confirmados no Brasil em 2020, dos quais sete foram na Região Norte; oito no Nordeste; 22 no Sudeste; seis no Centro-Oeste e nenhum no Sul. Quanto às características maternas, 26 (61%) tinham entre 20 e 34 anos, 24 (56%) eram pardas; Quanto ao diagnóstico, 32 (75%) foram no pós-parto. Quanto ao quadro clínico materno durante a gestação, observou-se os seguintes sintomas: cefaleia (7%), mialgia (7%), artralgia (5%), exantema (16%) e prurido (9%). Não foram registrados conjuntivite, edema articular, hipertrofia de gânglios e acometimento neurológico. Sobre o RN, 23 (53%) foram do sexo masculino; 19 (44%) nasceram com baixo peso (<2500g); 32 (74%) apresentaram microcefalia, 14 (33%) apresentaram outras AC; quatro (9%) apresentaram deficiência visual; nenhum (0%) apresentou deficiência auditiva e quatro (9%) evoluíram para óbito.

Conclusões: O estudo obteve dados que demonstram maior incidência da SZC em regiões mais quentes e úmidas do país, condizente com a tropismo do vetor. Os achados clínicos maternos são compatíveis com infecção por Zika e as

sequelas nos RN confirmam a afinidade do vírus pelo sistema nervoso central. Os dados encontrados mostram uma redução significativa na incidência de SZC comparada a incidência em 2015-2016, indicando que o conhecimento sobre a doença e a forma de prevenção são as melhores armas no combate à síndrome.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102269>

PI 274

CRIANÇAS COM SÍNDROME RESPIRATÓRIA AGUDA GRAVE (SRAG) CONFIRMADA EM HOSPITAL DE REFERÊNCIA PEDIÁTRICA EM BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS

Maria Aparecida Oliveira e Silva ^a,
Aline Almeida Bentes ^b,
Ana Luiza Garcia Cunha ^a,
Lilian de Araujo Ramos ^a,
Débora Borges do Amaral ^a,
Patricia Flávia Santos do Nascimento ^a,
Paula Aparecida Assis ^a,
Claudia Mara Tristão Pinto ^a,
Daiane Rodrigues Leite da Silva ^a,
Sara Vargas Paiva ^a, Daniela Batista de Souza ^a,
Leidimar Marley Moreira ^a

^a Hospital Infantil João Paulo II, Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG), Belo Horizonte, MG, Brasil

^b Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, Brasil

Introdução: Descrever o perfil epidemiológico de crianças com infecção confirmada por SRAG internadas no Hospital Infantil João Paulo II (HIJPII), referência em doenças infecto-contagiosas, entre março de 2020 e agosto de 2021.

Método: Trata-se de um estudo realizado pelo Núcleo de Vigilância Epidemiológica Hospitalar (NUVEH) do HIJPII, utilizando os dados das fichas de notificação de SRAG. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FHEMIG sob parecer: 4.312.966.

Resultados: Entre março de 2020 e agosto de 2021, 2702 crianças internaram no HIJPII e foram notificados com SRAG. Foram realizados 2269 testes RT-PCR para SARS-CoV-2, 1026 pacientes realizaram teste rápido de antígeno e/ou fizeram o painel viral na Fundação Ezequiel Dias. A etiologia viral foi identificada em 692 crianças: 278 (40,2%) positivos para vírus sincicial respiratório (VSR), 174 (25,1%) positivos para rinovírus, 164 (23,7%) positivos para SARS-CoV2, 34 (4,9%) positivos para influenza A e/ou B, e 5,9% foram positivos para outros vírus (25 bocavirus, 3 parainfluenza, 13 adenovírus e 1 coronavírus sazonal). O diagnóstico de VSR foi realizado por RT-PCR em 72% e teste rápido de antígeno em 28%. SARS-CoV-2 foi detectado por RT-PCR em 81% e por teste rápido de antígeno em 19%. A idade variou entre 15 dias de vida e 18 anos, mas 72,9% eram menores de 6 anos, 55,5% do sexo masculino, 82% moravam em Belo Horizonte ou na região metropolitana. Entre as manifestações clínicas mais frequentes foram febre,

tosse, diarreia, esforço respiratório, cianose e saturação menor que 95%. Nos casos mais graves as crianças tinham comorbidades, as mais frequentes: displasia broncopulmonar, doença neurológica crônica não progressiva, obesidade, anemia falciforme e cardiopatia. A letalidade por SRAG no HIJPII no período foi de 20,5% (4 crianças com SARS-CoV-2 e uma criança com VRS); entretanto apenas 29,4% dos óbitos por SRAG tiveram a etiologia viral identificada por não terem coletado painel viral.

Conclusão: Os resultados encontrados reforçam a necessidade da realização do painel viral, para melhorar os dados da Vigilância Epidemiológica. Sua solicitação foi reduzida na pandemia, devido ao alto número de internações e necessidade de leitos, optou-se por realizar testes rápidos. Entretanto, como no HIJPII estão disponíveis testes rápidos apenas para VRS, SARS-CoV-2 e influenza, muitas crianças com SRAG ficaram sem identificação viral.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102270>

PI 275

DIFERENÇA NA LONGEVIDADE DE LINFÓCITOS T CD4+ E CD8+ EM UMA COORTE DE MÃES E CRIANÇAS COM HISTÓRICO DE INFECÇÃO POR ZIKV

Jessica Badolato Corrêa da Silva ^a,
Fabiane Rabe Carvalho ^b, Iury Amâncio Paiva ^a,
Débora Familiar-Macedo ^a,
Helver Gonçalves Dias ^a,
Alex Pauvolid-Corrêa ^a,
Caroline Fernandes-Santos ^a,
Monique da Rocha Queiroz Lima ^a,
Mariana Gandini ^a, Andréa Alice Silva ^b,
Sílvia Maria Baeta Cavalcanti ^b,
Solange Artimos de Oliveira ^b,
Renata Artimos de Oliveira Vianna ^b,
Elzinandes Leal de Azeredo ^a,
Claudete Aparecida Araújo Cardoso ^b,
Alba Grifoni ^c, Alessandro Sette ^c,
Daniela Weiskopf ^c,
Luzia Maria de-Oliveira-Pinto ^a

^a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^b Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil

^c La Jolla Institute for Immunology, Califórnia, EUA

Introdução/objetivos: Infecções pelo ZIKV ocasionalmente podem desencadear um amplo espectro de malformações congênitas, coletivamente denominados de Síndrome da Zika Congênita. Um número restrito de estudos descreve a imunidade na infecção pelo ZIKV durante a gravidez, tanto em modelos experimentais, como em pacientes. Desta forma, buscamos determinar se a resposta imunológica de memória específica ao ZIKV, 2 a 3 anos após a infecção primária, desenvolvida por mães infectadas durante a gravidez e de seus